

## **Tudo, além da manhã**

Antonio Contente

Pego a manhã na ponta dos meus dedos, pois ela está nas folhas que acaricio, nas pétalas de cores e perfumes no pequeno jardim, nos traços de voos que as gaivotas escrevem em seus ilimitados limites. Nítida também no horizonte que se abre à luz, às brisas e aos restos de suspiros que as madrugadas deixaram. O aroma das manhãs é que traça os caminhos do se mover sem desperdiçar passos. E é num instante como este que agora me enlaça que gosto de festejar a certeza da dádiva da vida que me leva a caminhar pelo Bosque das Árvores Seculares. Costumo, mesmo sem ser exatamente ímpio, rezar; é verdade que mal, amigos, mas, naquela catedral formada por troncos imensos que se fecham acima para formar a nave, oro. Pedindo aos deuses que em tal gesto vejam o quanto o busca-los faz bem à minha paz interior. Entrego-me aos cantos. Dos pássaros e das brisas, a colocar notas na partitura do instante sem limites. E ando. Minhas andanças por aqui começaram no já longínquo 1985 do século passado e, mesmo tantas tendo sido, nunca foram iguais. Com que variadas entonações o farfalhar dos meus passos sobre as folhas secas apontam rumos. Por quantos mundos me têm conduzido, quantos arrebois guardo sob o meu albornoz de sentimentos preciosos. Nunca deixando de ver por eles escorrer o bater de ondas dos instantes das navegações que, invariavelmente, levam a novos mundos nos quais nunca ninguém pisou antes. Desde muito tempo ouço falar de uma cachoeira que existiria no final do grande Bosque das Árvores Seculares. Inúmeras vezes, em andanças quase intermináveis, a procurei sem, contudo, achar nem sinal. Até que um dia resolvi perguntar ao mestre Nhanhacú, que nasceu e vive há muitos e muitos anos numa ilha vizinha, se ele sabia algo sobre a tal queda d'água.

--- Sim, sim – respondeu – estás te referindo à Cachoeira do Impossível.

--- Faz tanto tempo que tento – insisti – e nunca descobri como chegar lá?

--- Isso só ocorrerá no dia em que tiver a sorte de achar o que é impossível.

Retorno lentamente ao pomar pensando nisso, e vejo que a linda manhã, mais esplendorosa ainda, se abria aos meus olhos. Instintivamente caminho ao ancoradouro sob o jirau e arrasto para a água minha canoinha, o "casco", como chamam aqui, ou "montaria". Instalo nela a pequena vela azul que está comigo desde os primeiros tempos sem desbotar, meço o vento da maré enchente e me lanço à água. Sou bom nisso pois tomei lições, no litoral de Santa Catarina, com o poeta e escritor Mauro Simon, capitão de longo curso que, pela magia do seu talento, está apto a percorrer mares palpáveis e impalpáveis. Com o remo servindo de leme, o que se chama aqui de jacumã, tomo o rio das beiradas.

O cheiro que me vem das pequenas ondas é de sargaços e maresias. A água bate na pequena proa e espirra na medida em que a velocidade aumenta. Estou, navegador experiente, no Caminho das Índias das minhas emoções. Pego a linda manhã e a dobro como um lençol. Coloco no fundo do casco e vou indo pelos pontos cardeais indicados na bússola de um simples instante de ser feliz.